

AMADOS ANÔNIMOS



CLEBER RIBAS

Amados Anônimos

Uma reflexão sobre a vida em anonimato
para pessoas desconhecidas

Todos os direitos reservados à RTM Brasil

Primeira edição publicada em novembro de 2023

Projeto desenvolvido pelo Departamento de Comunicação da RTM

Supervisão e coordenação editorial: Lucas Meloni

Apoio de supervisão: Ricardo Kroskinsque

Diagramação: Aline Dias e Cléber Ribas

Capa: Cléber Ribas

Revisão ortográfica: Roland Körber

Sumário

Prefácio.....	5
Introdução	6
Alguns anônimos na Antiga Aliança	8
Profetas	9
Mães aflitas.....	11
Guerreiros valentes	14
Alguns anônimos na Nova Aliança	18
Curados por Jesus	18
Discípulos de Jesus	21
Novos convertidos a Jesus	22
O Nome Sobre Todo Nome	25
Eu Sou	25
Emanuel.....	28
Salvador.....	31
Meu nome.....	33
Por quem devo ser conhecido?	34
Onde devo buscar ter meu nome escrito?	37
Naquele Dia eu receberei um novo nome?	40
Encontrando paz no anonimato.....	42
Obras consultadas	45

Prefácio

Certo homem estava refletindo sobre um texto que havia lido na Bíblia. O texto se encontrava no livro de Eclesiastes e falava sobre o fato de que as gerações passam e as pessoas acabam no esquecimento. Esse homem começou a pensar sobre o desejo do ser humano de ser lembrado, e nos muitos programas televisivos em que pessoas ficam confinadas em determinados locais ou passam um tempo fazendo determinada tarefa, sempre rodeadas de câmeras – os chamados *reality shows*. Tudo isso para serem famosas, mas depois de alguns anos ninguém mais se lembra de seus nomes. Esse homem pensou também nas pessoas que realizam grandes feitos nas mais diversas áreas do conhecimento, das artes, da guerra, etc. Hoje em dia, a maioria delas é desconhecida. Sua reflexão o levou a pensar sobre o desejo humano de se tornar conhecido e gravar seu nome na história. Desejo este que, muitas vezes, reflete um coração solitário e ansioso por ser amado, o qual infelizmente acaba por levar alguns a desistirem de sua vida devido à solidão e às muitas frustrações.

Por muito pensar sobre isto, aquele homem compreendeu que poderia, guiado por Deus em oração, levar outras pessoas a também pensarem sobre esta questão. O resultado está nas páginas a seguir deste livro que um anônimo como muitos na história escreveu buscando ajudar você a compreender o seu lugar na história e encontrar a forma para que seu nome possa ficar marcado para sempre onde realmente importa que esteja. O desejo do autor é que você encontre paz e alegria ao final destas breves páginas. Que perceba que não precisa andar só e que possui um propósito em sua vida: ser mais um amado anônimo e viver de acordo com esta compreensão junto da multidão dos que também compreenderam esta realidade. Que Deus abençoe sua vida.

Um grande abraço!

Introdução

Dentre os significados do termo “anônimo” nos dicionários da língua portuguesa, um deles é “pessoa desconhecida ou sem fama”. Neste sentido, há muitas pessoas que não gostam de estar na condição de anônimo. Pelo contrário, muitos desejaram, ao longo da história, deixar seus nomes escritos nela. Este, por exemplo, era o desejo dos construtores da torre de Babel: idealizaram aquela obra para que seus nomes fossem famosos (Gênesis 11.4)¹. No entanto, não temos o registro de seus nomes na Bíblia; eles se tornaram anônimos.

Muitos buscaram fazer seus nomes conhecidos por meio de conquistas bélicas, invenções tecnológicas, descobertas científicas, atos terroristas, etc. Ou seja, muitos e em muitas épocas valeram-se dos meios mais diversos para serem lembrados. E a maioria já foi esquecida. Há aqueles que têm este desejo em um âmbito menor, como seu país, sua cidade ou mesmo o seu círculo de amizades. E assim, na ânsia de se tornarem conhecidos, desejam ser “o mais belo”, “o melhor cantor” ou “o que bebe ou come mais”.

Porém, ainda que alguém consiga deixar de ser anônimo para muitos, para tantos outros continuará a ser um completo desconhecido. Por exemplo, talvez você não conheça o nome do cantor mais famoso do Zimbábue ou do treinador da seleção de futebol masculino da Nicarágua. Isto se formos pensar em um contexto de contemporaneidade no momento de sua leitura. Mas a questão fica ainda mais interessante quando pensamos em termos históricos, como sobre os idealizadores da torre de Babel. Por exemplo, é possível que você não saiba o nome de quem gritou “terra à vista” quando Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil. Provavelmente também não conheça quem foi a modelo para a Estátua da Liberdade. A maioria das pessoas da história é ou será desconhecida, ou seja, anônima. Ainda que outros tentem eternizar seus nomes na memória estes também provavelmente

¹ As citações bíblicas presentes neste livro estão de acordo com a Nova Versão Internacional (NVI), salvo indicação em contrário.

INTRODUÇÃO

não serão bem-sucedidos. Um exemplo disto são as inúmeras esculturas de desconhecidos no Brasil – e muitas acabaram perdendo até a placa com o nome do homenageado, pois vândalos as roubaram.

O autor de Eclesiastes também revela esta realidade no começo do livro. Ele afirma que “ninguém se lembra dos que viveram na antiguidade, e aqueles que ainda virão tampouco serão lembrados pelos que vierem depois deles” (Eclesiastes 1.11). A história é repleta de anônimos e é bem possível que você seja mais um destes. Talvez você também tenha buscado tornar seu nome conhecido e feito até mesmo muitas coisas das quais se arrepende, e o anonimato faz com que se sinta solitário, vazio em termos de propósito ou de não ter sido bem-sucedido em sua vida. Para a compreensão desta questão de seu possível anonimato e tendo como objetivo ajudá-lo a perceber que não está sozinho e a encontrar uma postura saudável diante dessa possibilidade, eu venho lhe propor um convite à reflexão sobre alguns anônimos encontrados nas páginas da Bíblia, em ambos os testamentos. Além disso, quero trazer à luz um nome que está sobre todo nome. Por fim, desejo lhe mostrar uma visão espiritualmente saudável acerca de seu próprio nome.

Alguns anônimos na Antiga Aliança

A Bíblia abrange todo o período da história da humanidade, desde sua criação até o fim dos tempos. Embora englobe todas as eras ela não relata tudo sobre todas estas. Isto porque a Palavra de Deus para o ser humano tem como intuito que este conheça o Senhor e saiba como se reconciliar com Ele. Ela é dividida em duas partes: Antigo e Novo Testamento. Neste livro eles serão chamados de Antiga e Nova Aliança, pois o termo “Testamento” neste caso significa pacto ou aliança e representa a história dos pactos de Deus com a humanidade – antigo e novo. Essas alianças propostas por Deus serão tratadas ao longo do presente texto para melhor compreensão.

Por meio das páginas bíblicas, Deus nos conta que todas as coisas existentes foram criadas por Ele, inclusive o homem. Este pecou contra o Senhor, ou seja, desobedeceu às suas ordens e por isso foi afastado de Sua presença. Não sei qual a sua compreensão sobre este fato, por isso é importante apontar que o homem foi criado para andar com Deus, mas o seu pecado o afastou do Criador e hoje todas as pessoas precisam se reconciliar com Ele.

A Antiga Aliança foi feita por Deus, por meio de Moisés, com um povo descendente de um homem chamado Abraão. Esta aliança consistia em que Deus abençoaria o povo enquanto este lhe fosse fiel e obediente. Obviamente ela foi quebrada pelos seres humanos, pois estes são incapazes de fazer somente o bem em suas vidas. Deus fez isso para mostrar



que ninguém poderia ser aceito por Ele pelas coisas que faz e sim de outra forma, por isso Ele propõe uma Nova Aliança. Mais adiante ela será apresentada a você.

Assim, o texto da Antiga Aliança (os livros de Gênesis até Malaquias) tem como principal foco o relato da separação de um povo para Deus e, por conseguinte, sua aliança com ele, bem como da falha dos israelitas em cumprir a sua parte no pacto. O fato é que, em meio a esta história que vai desde a criação do mundo até o fim da Antiga Aliança no primeiro século depois de Cristo, muitas pessoas habitaram o mundo. Muitas delas também têm parte de sua história relatada nas páginas da Bíblia. Nunca conheceremos nada sobre a maioria das pessoas que viveu antes do nascimento de Cristo, nem sequer o nome de muitas delas, embora saibamos parte de suas histórias. Neste capítulo, analisaremos relatos registrados na Bíblia sobre algumas destas pessoas anônimas.

Profetas

Há inúmeros relatos de profetas anônimos, os chamados “homens de Deus”, encarregados de levar a mensagem dada pelo Senhor a alguém específico em determinada situação. Em boa parte das vezes, eles se dirigiam ao personagem em destaque no relato, anunciavam a ele a mensagem do Senhor e depois iam embora. Assim, sem nome ou apresentação de quem eram, apenas sendo chamados de “homem de Deus” ou “profeta”.

Veja ou outra alguns estudiosos até tentam denominá-los, mas sem muito fundamento, como no caso do homem de Deus que vai até Amazias para repreendê-lo por fazer aliança com Israel para lutar contra Edom (2 Crônicas 25.7-9). Alguns tentam afirmar que seu nome era Amós e que era irmão do rei, mas esta informação é apenas especulativa e sem veracidade comprovada. O relato sobre este homem é bastante curto, mas mostra a influência que Deus pode ter por meio de alguém anônimo. O rei Amazias, de Judá, havia contratado cem mil guerreiros de Israel. Embora isto parecesse ser algo normal, visto que Israel (reino do norte) e Judá

(reino do sul) anteriormente formavam um único reino composto pelas doze tribos de Israel, as tribos do reino do norte estavam tão longe do Senhor que eram semelhantes aos povos que não serviam a Ele. Neste momento surgiu o homem de Deus para repreender o rei.

Algumas questões acerca da situação não nos podem passar despercebidas. Por exemplo, o fato de que esse homem estava falando com um rei que havia mandado executar todos os oficiais que assassinaram seu pai (2 Cr 25.3). Ou seja, o rei julgava ter muito poder. Ele também poderia considerar ter muito a perder, pois ficaria sem um quarto de seu poderio militar ao cumprir a ordem do profeta. No entanto, o homem de Deus não considerou isso mais importante do que aquilo que Deus desejava que fosse feito. Por isso, falou ao rei que não levasse consigo os israelitas, mas que ele deveria confiar no Senhor. O rei fez o que ele orientou ao mandar de volta os soldados israelitas.

Na atitude desse homem de Deus vemos que ele foi usado para encorajar o rei e levar a vitória ao povo de Judá sobre os edomitas. No entanto, outro profeta precisou aparecer em seguida.

Após vencer os edomitas, Amazias tomou para si os seus deuses, vindo a prestar culto a eles. Em vez de reconhecer que foi o Senhor quem derrotou os edomitas como havia prometido por meio daquele homem de Deus, ele se encheu de orgulho e idolatria. Deus então enviou esse outro profeta, que não teve sua mensagem atendida pelo rei. Sua pergunta confrontava Amazias acerca de sua idolatria, mas este não somente não lhe deu ouvido como também o interrompeu ameaçando-o de morte (2 Cr 25.16). Mesmo assim, vemos que também este profeta não temeu mais o rei que a Deus, pois disse a ele que seria destruído pelo Senhor por sua atitude e por não dar ouvido a sua mensagem. Foi exatamente isto o que aconteceu com Amazias: ele perdeu a guerra seguinte, sofreu com conspirações e perseguições até ser morto.

Vemos neste relato dois homens de Deus usados por Ele para falar ao rei. Ambos tiveram a coragem e o temor a Deus necessários

para cumprir sua missão. A um ele deu ouvidos e a outro não, mas a mensagem de ambos se cumpriu. Eles foram até o rei Amazias, entregaram suas mensagens da parte de Deus e depois foram embora. Nenhum nome nos é apresentado e mais nenhum detalhe sobre eles pode ser encontrado no texto bíblico. Eram apenas profetas anônimos; homens de Deus.

Mães aflitas

Há também um grande número de mulheres anônimas nas páginas da Antiga Aliança. Aliás, estas eram ainda mais comumente desconhecidas, pois na sociedade da época sequer eram contadas em listas e genealogias. No entanto, as histórias de muitas delas demonstram o quanto eram amadas por Deus. Há três em especial que estiveram em situações semelhantes e miraculosas. Mães aflitas pela circunstância em que se encontravam, sem nome registrado na Bíblia, mas com o agir de Deus marcado em seus corações.

A primeira delas viveu durante o período de Acabe, rei de Israel (reino do norte, após a divisão). Nessa época, houve uma grande seca naquele reino. Durante a estiagem, o profeta Elias foi enviado por Deus à cidade fenícia de Sarepta, fora do território israelita. Lá ele encontraria uma viúva que o alimentaria. No entanto, ela mal tinha condições de alimentar a si e a seu filho. Sua situação era tão terrível que ao se encontrar com o profeta e ouvir deste o pedido por pão, ela lhe contou que prepararia a última refeição e então eles aguardariam a morte chegar (1 Reis 17.12). Há um ditado popular que afirma que a esperança é a última



que morre, mas no caso desta mulher ela já havia acabado há algum tempo. Só lhe restava o alento de uma última refeição com seu filho. Mas Deus amava aquela mãe aflita e queria usá-la para alimentar a si, seu filho e ao profeta. Por isso, Elias disse que não tivesse medo e fizesse um bolo para ele e em seguida algo para ela e seu filho, com a promessa de que não lhe faltariam recursos para manter a sua fome saciada. A mulher creu na palavra do Senhor e assim aconteceu. Ela, seu filho e o profeta se alimentaram não

A mulher, enfim, compreendeu quem era Deus. Antes de se encontrar com o profeta, ela aguardava a morte por causa da fome e foi por meio dessa aflição que ela passou a ver o que Deus poderia fazer em sua vida.

somente naquele dia, mas por muito tempo.

No entanto, aquela mulher ainda precisava crer definitivamente que a palavra de Deus é verdadeira (1 Rs 17.24). Para que isto acontecesse, Deus permitiu a morte de seu filho – aquele que ela, em sua desesperança, desejava alimentar antes de morrerem juntos. Sua tristeza e angústia a levaram a confrontar

o profeta por conta da morte de seu filho. O próprio Elias não havia compreendido o que acontecera, mas Deus tinha um propósito para a vida daquela mulher sem nome, novamente sem esperança e agora sem seu filho. O profeta clamou ao Senhor e este ressuscitou o menino. A mulher, enfim, compreendeu quem era Deus. Antes de se encontrar com o profeta, ela aguardava a morte por causa da fome e foi por meio dessa aflição que ela passou a ver o que Deus poderia fazer em sua vida.

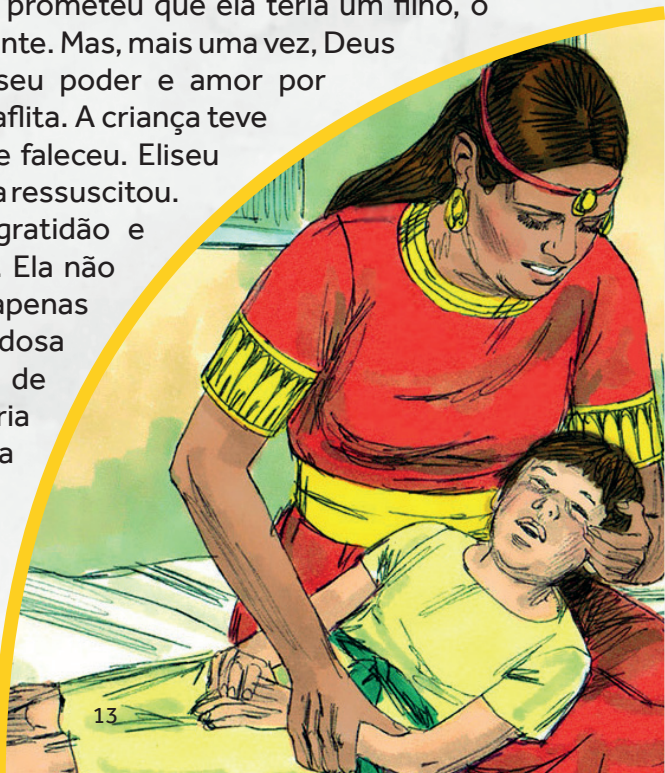
Tempos depois, após Elias subir aos céus levado por Deus e deixar Eliseu como seu substituto, temos o relato sobre outras duas mulheres que viram o agir de Deus em suas vidas e na vida de seus filhos (2 Rs 4). Uma delas era viúva de um dos membros de um grupo de profetas. Além do desafio de ter de cuidar de seus dois filhos sozinha, um credor queria cobrar suas dívidas tomando-os como escravos. Diante dessa situação desesperadora, ela pediu

ajuda ao homem de Deus que conhecia seu falecido marido. Deus abençoou a mulher dando-lhe milagrosamente a forma de pagar a dívida e se sustentar a partir de então. O que parecia ter sido um abandono da parte de Deus mostrou-se uma forma que Ele usou para manifestar o seu amor por aquela pobre viúva e seus dois filhos.

A outra era uma mulher rica, habitante de uma cidade chamada Suném. Ela havia oferecido uma refeição para o profeta e desde então sempre que ele passava por lá comia com ela e seu marido. Por conta disso, e pelo fato de ele ser um homem de Deus, eles decidiram fazer um quarto para Eliseu.

Diante da bondade da mulher, o profeta pediu ao seu servo que perguntasse a ela o que poderia fazer em seu benefício (por exemplo, interceder por ela diante do rei), mas ela afirmou que estava bem com os seus conterrâneos. Então Eliseu descobriu que ela não tinha filhos e seu marido já era idoso. Era questão de tempo até que se tornasse viúva e, possivelmente, viesse a passar necessidades. Eliseu lhe prometeu que ela teria um filho, o que ocorreu no ano seguinte. Mas, mais uma vez, Deus desejava manifestar o seu poder e amor por intermédio de uma mãe aflita. A criança teve fortes dores de cabeça e faleceu. Eliseu orou ao Senhor e a criança ressuscitou. A mulher exultou em gratidão e tomou seu filho no colo. Ela não havia pedido um filho, apenas havia desejado ser bondosa para com o homem de Deus, mas o Senhor queria demonstrar o quanto a amava e o quanto a Sua bondade é infinita.

Estas três mulheres aflitas pela possível perda de seus filhos ou



diante da morte deles se voltaram para Deus e foram agraciadas por Ele. Não conhecemos seus nomes, ou os de seus filhos, mas sabemos que Deus usou suas histórias para mostrar que se importa com as pessoas e conhece as aflições e necessidades de cada indivíduo.

Guerreiros valentes

Nas páginas da Antiga Aliança certamente há muitos profetas e mulheres cujos nomes desconhecemos, mas talvez o maior número de anônimos seja o de guerreiros. Desde os primórdios da humanidade o ser humano se envolve em guerras, por vezes quase que intermináveis. Vemos também incontáveis batalhas descritas na Bíblia. De maneira especial, encontramos relatos de guerras no período após a libertação do povo de Israel da escravidão no Egito (de Êxodo até Deuteronômio), passando pela conquista da Terra Prometida (Josué e Juízes) até o período da Monarquia (1 Samuel até 2 Crônicas).

Dentre estas inúmeras batalhas com incontáveis valentes guerreiros anônimos, algumas nos chamam a atenção por aspectos peculiares da ação divina. Por exemplo, quando pensamos o que seria necessário para ser um guerreiro usado por Deus, muitos diriam: força, altura, habilidade com armas e experiência em batalhas. Mas para Deus muitas vezes é necessário apenas um pouco de fôlego. Não para correr vários quilômetros ou aguentar dias lutando sem parar, e sim para tocar trombetas.

Os israelitas passaram cerca de quarenta anos peregrinando pelo deserto após fugirem do Egito em direção à



chamada Terra Prometida (atualmente os territórios de Israel e da Palestina). Após este tempo, seu líder, Moisés, faleceu, deixando Josué como seu sucessor por orientação divina. Este novo líder guiou os israelitas no começo da conquista daquele território atravessando o rio Jordão de forma semelhante à passagem deles pelo mar Vermelho, conduzidos por seu antecessor (eles atravessaram tanto o rio quanto o mar a pé, pois Deus abriu ambos para sua passagem em terra seca). Após esta passagem de forma sobrenatural, eles começaram a conquista pela cidade de Jericó (Js 6).

Esta era cercada por muros largos o suficiente para haver casas sobre eles. Não era possível usar catapultas para atacá-la, pois estas só seriam inventadas séculos depois. Então qual seria a solução para derrubar aqueles muros e adentrar na cidade? Tocar trombetas e gritar. Por mais estranho que pareça, foi assim que as muralhas de Jericó caíram.

Não sabemos quem eram todos eles. Sabemos apenas que Deus usou os israelitas como guerreiros valentes para derrotar inimigos que pareciam indestrutíveis.

Deus havia ordenado a Josué que durante seis dias todos deveriam marchar dando uma volta em torno da cidade e no sétimo dia eles dariam sete voltas, então os sacerdotes tocariam trombetas e o povo gritaria em alta voz. Eles assim fizeram e Deus lhes deu a vitória prometida. As muralhas de Jericó caíram ao som das trombetas e dos gritos e eles atacaram a cidade, conquistando-a. Não sabemos quem eram todos eles, nem mesmo os nomes dos dois espiões que haviam sido enviados anteriormente para a cidade (Js 2). Sabemos apenas que Deus usou os israelitas como guerreiros valentes para derrotar inimigos que pareciam indestrutíveis.

Porém, não somente muralhas foram derrubadas com o som de trombetas e gritos: também a moral de inimigos de Israel foi destruída por trombetas tocadas por trezentos homens valentes

que além delas tinham em suas mãos jarros com tochas (Jz 7). Josué já havia partido e junto dele o temor dos israelitas por Deus. Algumas gerações haviam passado e eles estavam na terra recém-conquistada ainda lutando para mantê-la. No entanto, seu afastamento de Deus fazia com que Ele os castigasse, permitindo que os inimigos os dominassem. Assim, eles se voltavam para o Senhor pedindo-lhe misericórdia, e Deus agia de forma graciosa dando-lhes um libertador.

Um destes foi Gideão. Ele tinha sob seu comando trinta e dois mil homens quando foi lutar contra seus inimigos, os quais tinham cerca de cento e trinta e cinco mil homens (Jz 8.10). Havia uma disparidade óbvia entre ambas as forças. Por isso, Deus orientou Gideão a mandar alguns de seus homens embora – havia soldados demais ao seu lado. Todos os que estavam com muito medo poderiam ir. Restaram apenas dez mil, mas ainda eram muitos. Então Deus mandou Gideão levar os homens à beira da água para beberem. Os que ficassem ajoelhados permaneceriam para a luta, enquanto os que se abaixassem seriam mandados embora. Alguns estudiosos compreendem que os que beberam ajoelhados assim o fizeram pois desta forma podiam manter-se alertas e vigilantes. Já os outros demonstravam certo despreparo para a guerra, visto que não estavam tão atentos quanto deveriam. Assim, permaneceram os que de fato estavam focados na batalha iminente.

Eles não eram grandes guerreiros renomados, mas corajosos e confiantes no agir de Deus e isso era o suficiente. Diante do acampamento inimigo, quebraram jarros, tocaram trombetas e tinham tochas nas mãos. Nem precisaram lutar. Trezentos contra cento e trinta e cinco mil. Logicamente eles saíram vitoriosos, pois o Senhor dos Exércitos estava com eles.

Certamente poderíamos pensar em muitos outros casos de anônimos amados e usados por Deus registrados no contexto da Antiga Aliança, fora os que sequer têm suas histórias relatadas. No entanto, o importante é percebermos que, desde a criação do mundo até o nascimento de Jesus, Deus demonstrou o seu

amor usando pessoas desconhecidas e relatando suas histórias nas páginas que descrevem a Antiga Aliança proposta por Deus à humanidade. Da mesma forma, podemos encontrar anônimos amados e cobertos de graça e misericórdia da parte de Deus após o nascimento de Jesus, por meio de quem é estabelecida a Nova Aliança.

Alguns anônimos na Nova Aliança

A história tem suas curiosidades. Nosso calendário divide-a em duas partes: antes e depois do nascimento de Cristo. No entanto, a data provável para esse fato é entre os anos 6 e 4 a.C. (antes de Cristo). Isto ocorre por equívocos na criação do calendário vigente. De qualquer forma, não muda o fato de que a vinda de Jesus dividiu a história em duas partes; além disso, trouxe também a inauguração de uma Nova Aliança.

Como afirmado anteriormente, a Antiga Aliança proposta por Deus para os homens consistia em que lhe obedecessem plenamente e Ele os abençoaria com Sua ação e presença. No entanto, ao homem é impossível fazer somente o que é bom e, por conseguinte, a vontade de Deus que é boa, perfeita e agradável (Romanos 12.2). Todas as pessoas fazem coisas más (o que chamamos de “pecados”) e por Deus ser justo ele não poderia relevar alguns pecados e julgar outros – isto seria injusto. Por isso, Deus propôs uma Nova Aliança a partir da vinda de Jesus. Mais adiante explicarei como é possível participar deste novo pacto de reconciliação com Deus. Esta Nova Aliança muda a história da humanidade e também a de muitos anônimos. Veremos a seguir relatos acerca de alguns deles.

Curados por Jesus

Desde o nascimento de Cristo muitos anônimos foram impactados por seu contato com ele. Dois exemplos são os pastores que estavam em campos próximos ao local de seu nascimento (Lucas 2.8-20) e os magos que vieram do Oriente para presentear o rei



prometido (Mateus 2.1-12). Mas foi a partir do começo de seu ministério (tempo em que ele anunciou o motivo pelo qual veio ao mundo) que mais anônimos tiveram suas histórias marcadas por ele, principalmente aqueles que ele curou milagrosamente. Cristo afirmou que havia sido enviado para anunciar boas notícias, libertar os oprimidos e dar visão aos cegos (Lc 4.18), e assim ele fez.

Um desses a quem ele restaurou a visão tem sua história relatada em João 9. Este anônimo, um cego de nascença, é visto por Jesus e seus discípulos (seguidores de Jesus). Naquela época as pessoas acreditavam que as doenças eram uma punição divina por um pecado cometido. Esta ideia fazia com que, no pensamento dos discípulos, alguém deveria ter pecado para que ele tivesse nascido cego. Poderiam ser seus pais ou mesmo ele quando ainda estava no ventre de sua mãe. Aquele homem não era apenas alguém sem nome, mas também sem respeito e importância perante a sociedade. Era desprezado pelas pessoas, mas para Jesus ele era mais que um anônimo: era amado por Deus.

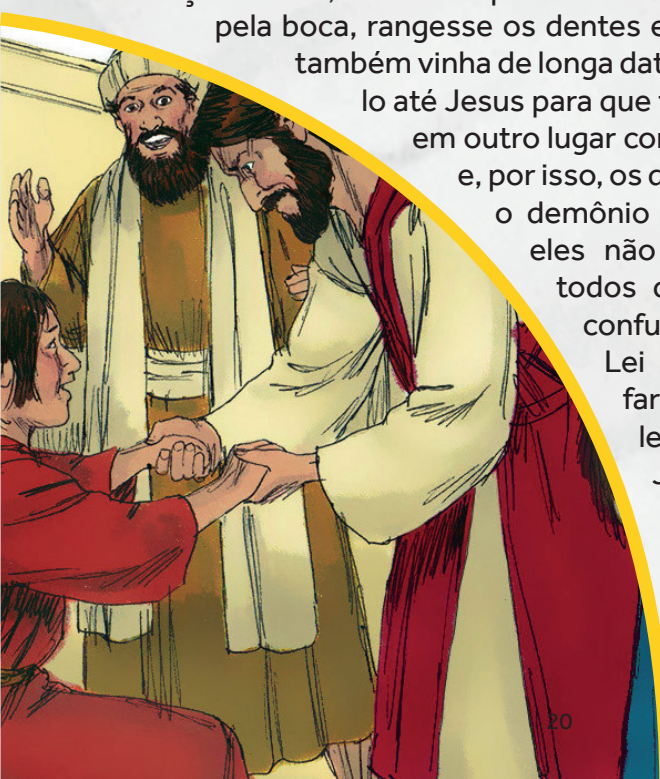
Em resposta ao questionamento dos discípulos, Jesus afirmou que o cego havia nascido com aquela condição para que a obra de Deus se manifestasse em sua vida (Jo 9.3). Então, Jesus o curou. Esse fato revolucionou sua vida. Primeiramente, as pessoas à sua volta se espantaram com sua nova condição. É interessante notar que para elas aquele era apenas o homem que ficava sentado mendigando. Elas o questionaram sobre o que havia acontecido e ele contou sobre a cura realizada por Jesus. Por causa de todo este alvoroço pelo que Cristo havia feito por ele, os fariseus (um dos grupos de líderes religiosos da época) resolveram interrogá-lo.

A cura tinha acontecido em um sábado e segundo a interpretação deles acerca da Lei (Antiga Aliança), não era permitido que alguém curasse outra pessoa naquele dia. Diante da explicação daquele que fora curado, os fariseus resolvem perguntar aos seus pais se ele havia sido mesmo cego. Estes afirmaram que sim, mas que eles deveriam perguntar ao filho como a cura aconteceu. Eles o

chamaram novamente e, depois de muita discussão (e de uma bela lição dele àqueles homens incrédulos), eles o expulsaram. Mais uma vez Jesus o encontrou e, nesse momento, seus olhos foram completamente abertos – não física, mas espiritualmente. Jesus perguntou se ele acreditava no Filho do Homem (expressão que indicava que Jesus tinha vindo da parte de Deus). Diante do questionamento sobre quem ele seria, Jesus deu uma linda resposta a quem nunca havia enxergado antes: “você já o tem visto” (Jo 9.37). Ele, então, afirmou crer em Jesus. Aquele homem, sem nome e sem importância para as pessoas de sua época, foi amado por Jesus de tal forma que ele não curou apenas a sua deficiência visual, mas também sua alma.

Além de curar pessoas doentes, Jesus também libertou muitas pessoas oprimidas. Algumas eram oprimidas por demônios, como o caso de um menino atormentado por um que chegava ao ponto de lançá-lo ao fogo e à água para matá-lo. Esse espírito (os demônios também são chamados assim na Bíblia) jogava a criança no chão, fazia com que não conseguisse falar, espumasse pela boca, rangesse os dentes e ficasse rígida. Seu caso

também vinha de longa data e seu pai resolveu levá-lo até Jesus para que fosse liberto. Este estava em outro lugar com três de seus discípulos e, por isso, os demais tentaram expulsar o demônio da criança. No entanto, eles não conseguiram livrá-lo e todos que ali estavam ficaram confusos. Os mestres da Lei (companheiros dos fariseus em deturpar as leis de Deus e atacar Jesus) aproveitaram a oportunidade para colocar o poder de Jesus em dúvida. A confusão continuou até que o Senhor chegou.



Diante da situação, Jesus ficou entristecido com a incredulidade de todos e pediu que lhe trouxessem o menino. O pai, já sem muitas esperanças, pediu a Ele que, se pudesse, tivesse misericórdia e livrasse seu filho. Jesus então questionou a sua incredulidade e eis que o pai percebeu que também precisava de libertação. Seu filho precisava ser liberto da possessão demoníaca, e ele, da incredulidade. Tendo reconhecido sua situação, ele pediu a Jesus que também o ajudasse com sua falta de fé. Jesus realizou a cura (veja a história em Marcos 9.14-27). Tanto o pai quanto o filho eram pessoas desconhecidas e sem grande relevância na história da humanidade, mas foram consideradas importantes para o Deus Criador da humanidade. Eram apenas anônimos, mas também grandemente amados.

Discípulos de Jesus

Os discípulos também tinham seus momentos de incredulidade. Muitas vezes faziam afirmações de plena fidelidade e em tantas outras demonstravam não ter entendido a finalidade da vinda de Cristo ao mundo. Por exemplo, deram provas claras de confiança em Cristo quando, diante da desistência de muitos de seus seguidores, os doze apóstolos (discípulos escolhidos por Jesus para estarem mais próximos dele) não fizeram o mesmo, afirmando que não havia para onde ir, visto que somente ele tinha as palavras de vida eterna (Jo 6.66-69). Porém, quando Jesus foi preso todos o abandonaram (Mc 14.50).

Apesar dessa instabilidade inicial, após a ressurreição eles compreenderam a obra de Cristo e tiveram sua fé fortalecida por Deus. Depois que Jesus foi levado aos céus (Atos 1.9) os discípulos permaneceram obedientes aguardando a vinda do Espírito Santo, como Jesus havia prometido. Por mais que pensemos que esses eram apenas os doze apóstolos, esta não é a realidade. O grupo dos discípulos que aguardavam o cumprimento dessa promessa era de no mínimo cerca de 120 pessoas (At 1.15), visto que Paulo afirma que Jesus após ressuscitar apareceu a mais de 500 irmãos de uma só vez (1 Coríntios 15.6).

Em especial em relação aos 120, podemos deduzir que cerca de 100 deles nos sejam desconhecidos. No entanto, esses anônimos estavam presentes em um momento de extrema importância na história do cristianismo: o evento do dia de Pentecoste, cerca de dez dias após Jesus ter subido aos céus. Este era um dia festivo em comemoração à colheita do trigo e da cevada, principalmente. Ele aconteceu 50 dias após a Páscoa.

Nesta ocasião os discípulos estavam reunidos em um só lugar (At 2.1). Havia em Jerusalém várias pessoas de diferentes nacionalidades que estavam ali para participar da festa quando um evento miraculoso aconteceu. Um som semelhante a um vento forte preencheu toda aquela casa onde estavam os discípulos. Eles viram algo estranho, semelhante a fogo, pousando em cima de suas cabeças e então começaram a falar em outras línguas – as línguas maternas das pessoas que estavam em Jerusalém. No entanto, eles eram na sua maioria galileus. Por conseguinte, era improvável, senão impossível, que soubessem as línguas daqueles homens, por isso o espanto. No entanto, alguns outros, talvez por não compreenderem as línguas faladas, acharam que eles estavam bêbados em plena manhã.

Aqueles discípulos que lá estavam em meio a uma multidão aguardavam ansiosamente aquele momento, mas talvez não tivessem noção da importância dele. Após a subida de Cristo aos céus eles esperavam a vinda do Espírito Santo que havia sido prometido pelo próprio Jesus, e Deus usou aqueles preciosos e fiéis anônimos em meio à multidão – também de desconhecidos – para que eles conhecessem a Deus.

Novos convertidos a Jesus

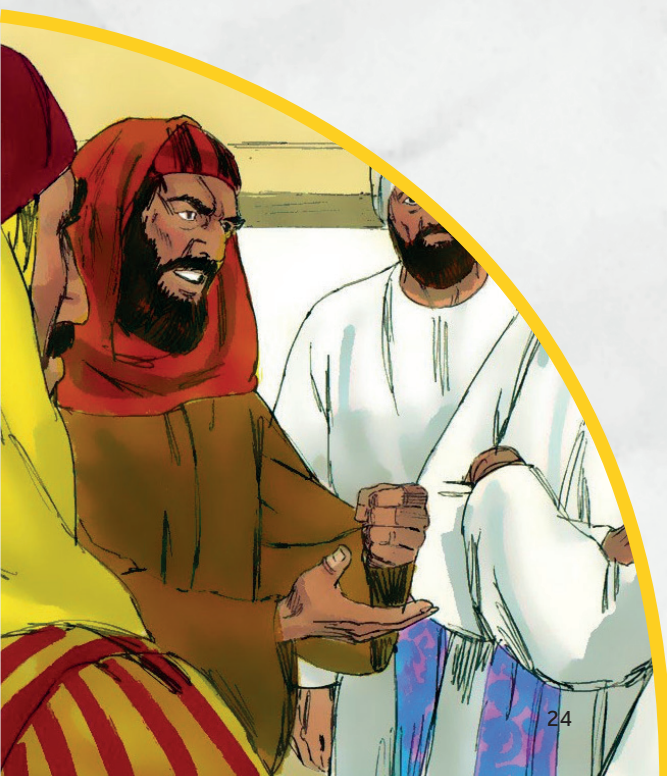
Agora quero levá-lo a pensar em como seria estar do outro lado no fato acima descrito, ou seja, no meio da multidão. Imagine-se na seguinte situação: você foi a uma festa religiosa de extrema importância. Andou por vários dias para chegar até lá vindo de uma região um tanto quanto distante. Você não fala sua língua materna com ninguém, pois está em território estrangeiro e ninguém o

compreenderá. O dia da festa chegou e em meio às celebrações todos estão gratos e felizes. Alguns na cidade comentam que há cinquenta dias, na festa da Páscoa, morreu um homem cujo nome estava sendo muito citado nos últimos anos. Diziam que ele havia curado muitas pessoas e que suas palavras tinham autoridade. Além disso, os líderes religiosos estavam bastante contrariados com ele e por isso ele foi morto no período da Páscoa. No entanto, havia um murmúrio de que ele havia ressuscitado e aparecido a muita gente – mais de quinhentas pessoas!

De repente, você ouve um estrondo e corre para ver o que está acontecendo junto do restante dos milhares que lá estão. Dentro da casa há cerca de cem judeus, aparentemente da região da Galileia. Sem entender tudo aquilo, você percebe que eles estão falando coisas diferentes, algumas línguas que você não compreende. Em meio àquela multidão há alguns que estão falando em *sua* língua materna, aquela que você pensava que ninguém ali compreenderia. Eles estão glorificando a Deus e falando de tudo quanto Deus fez e suas maravilhas. Mas eles eram galileus. Como isso era possível?!

Pois foi exatamente o que vivenciaram milhares de judeus anônimos oriundos de várias partes do mundo na festa de Pentecoste que aconteceu cinquenta dias após a morte de Jesus. Eles ficaram assustados com toda aquela situação. Diante do questionamento que surgiu quando alguns afirmaram que aqueles homens estavam embriagados, Pedro e os outros apóstolos anunciaram que não era nada disso. Pedro explicou que havia uma profecia de Joel, do período da Antiga Aliança, que dizia que aquilo aconteceria quando Deus derramasse o seu Espírito e que possibilitaria a salvação aos que recorressem ao seu nome. Ele então disse que Jesus havia sido morto em uma cruz, mas ressuscitou e é Senhor e Cristo. Isto significa que Jesus havia morrido e ressuscitado, mas que também havia subido aos céus e agora estava em sua devida posição de Senhor sobre tudo e todos e também de rei (Cristo ou Messias era o título dado ao rei que os judeus esperavam que trouxesse libertação para o povo).

Diante do que foi exposto pelo apóstolo, eles perguntaram o que poderiam fazer, visto que estavam aflitos com aquela dura realidade. Pedro, então, proclamou a boa notícia: era necessário apenas que se arrependessem e cressem para serem perdoados e assim receberiam o Espírito Santo também. Muitos deles creram – cerca de três mil pessoas. Uma multidão de anônimos amados e abençoados com o perdão, a salvação e a restauração. Por meio de sua fé e não por obediência às leis da Antiga Aliança (pois seria impossível cumpri-las plenamente), eles foram salvos por acreditarem em Jesus, o nome sobre todo nome. Eles um dia estarão junto de outros, incontáveis, que por nós são desconhecidos, de todas as nações, tribos, povos e línguas, que estarão face a face com Deus (Apocalipse 7.9) por terem crido neste poderoso nome.



O Nome Sobre Todo Nome

Deus usou e abençoou multidões de anônimos ao longo dos séculos para escrever a história de reconciliação entre Ele e a humanidade. Ao longo desta história vemos que, por mais que tentemos fazer-nos conhecidos e deixar nossos nomes gravados na história, mais cedo ou mais tarde seremos desconhecidos para muitos. Isto porque a história não é, nunca foi e nem será sobre nós, mas sobre alguém cujo nome está acima dos demais. Este nome não somente ficou marcado na história, mas a dividiu. No tempo certo, Deus tornou conhecido esse nome e propôs uma Nova Aliança, uma vez que a Antiga Aliança foi quebrada pelas pessoas, pois não conseguiram cumprir toda a boa vontade de Deus. Esta Nova Aliança proposta pelo Senhor é baseada na fé no nome de Jesus.

Aliás, é importante salientar que o nome nem sempre é apenas algo usado para diferenciar uma pessoa de outra. Em especial no contexto bíblico, por vezes o nome de alguém definia quem aquela pessoa era – sua identidade e seu caráter, por exemplo. Por isso, “crer no nome de Jesus” não quer dizer que ao acreditar que o nome de Jesus era esse a pessoa é perdoada por Deus. Significa que, ao ter a convicção de que ele é quem afirmava ser, crer em sua obra e viver de acordo com esta certeza, é possível ser liberto da condenação eterna, isto é, do fato de permanecer para sempre afastado de Deus, inclusive após a morte. Nem todo mundo conhece de fato a Jesus, por isso é importante conhecer os nomes que ele possui para saber quem verdadeiramente Ele é.

Eu Sou

Certa vez alguns judeus estavam discutindo com Jesus e atacando-o com acusações muito graves (Jo 8). Tudo porque ele afirmou que poderia libertá-los da escravidão que os aprisionava. Eles não sabiam que essa prisão era a sua condição de pecadores afastados de Deus. Pelo contrário, eles pensavam que pelo fato de serem descendentes de Abraão seriam aceitos por Deus.

Abraão foi um homem que recebeu de Deus a promessa de que por meio de seu filho Isaque o Senhor faria um povo para chamar de seu. Inicialmente pensava-se que este povo era o que recebeu de Deus a Antiga Aliança por meio de Moisés. Mas aqueles judeus contemporâneos de Jesus não haviam compreendido que esta Antiga Aliança não poderia lhes reconciliar com Deus, visto que eles mesmos quebraram-na. Por isso, era necessária a Nova Aliança, que libertaria as pessoas da escravidão e da condenação eterna, e esta seria feita por meio da fé naquele que falava com eles. Estes, os descendentes (em termos espirituais) de Abraão, por meio da fé, é que formariam o povo de Deus. Assim, quando Jesus falou que eles não eram filhos (descendentes) verdadeiros de Abraão, ficaram cheios de ódio.

No entanto, não foi essa afirmação que os fez desejarem matá-lo, e sim outra: "Eu lhes afirmo que antes de Abraão nascer, Eu Sou!". Eles não ficaram irados com Jesus por causa de um problema gramatical. Não foi como se dissessem: "Ah, não! Você pôr em dúvida nossa descendência de Abraão é terrível, agora errar a conjugação verbal nós não perdoamos!". Certamente não foi isso! Talvez você não tenha percebido porque estou apontando isto, mas, em termos gramaticais o correto não seria Jesus dizer: "antes de Abraão nascer, eu era" ou "eu já existia"? Obviamente o que causou a ira dos judeus não foi um erro gramatical e sim o que ele quis dizer com esta expressão "Eu Sou". Aliás, Jesus a usou sete vezes, conforme relatado por João. Para compreendermos o que isto significa precisamos voltar ao momento em que Deus chama Moisés para libertar o povo da escravidão do Egito – povo este com quem firmou a Antiga Aliança (Êx 3).

Moisés estava há algum tempo longe de seu povo e do país onde havia sido criado. Ele era hebreu (ou seja, israelita), mas havia sido criado na corte do faraó, rei do Egito. No entanto, ele acabou se envolvendo em um assassinato ao ver um egípcio maltratando um hebreu e, uma vez que a notícia se espalhou, ele fugiu. Muito tempo depois, longe do Egito e com família estabelecida, ele estava pastoreando o rebanho de seu sogro quando viu algo

inimaginável: um arbusto que queimava mas não se consumia. Curioso (como todo ser humano), Moisés foi ver o que estava acontecendo e Deus, o próprio Criador de todas as coisas, falou com ele, dizendo que libertaria o povo da opressão egípcia e o levaria a uma terra maravilhosa.

No entanto, os israelitas já não viam Moisés há muito tempo. Ele poderia ser para eles apenas um privilegiado, criado na corte, que fugira há muito tempo e de repente viria para dizer que libertaria o povo. Como faria isso, se ao primeiro sinal de que seria confrontado ele acabou fugindo? Ele precisaria de um nome – não para si, mas para levar à frente de si: o nome do Deus dos seus antepassados que o enviava ao Seu povo escolhido. Por isso Moisés perguntou a Deus o que deveria dizer para os israelitas, isto é, em nome de quem ele estava indo. A resposta de Deus é bastante interessante: “Eu Sou o que Sou. É isto que você dirá aos israelitas: Eu Sou me enviou a vocês (...) Esse é o meu nome para sempre, nome pelo qual serei lembrado de geração em geração” (Êx 3.14-15b). Deus seria reconhecido pelo seu nome: Eu Sou.

Assim, voltamos para o episódio da contenda entre os judeus e Jesus e a ira deles. Eles ficaram enfurecidos e desejaram apedrejar Jesus, pois para eles o que ele estava fazendo era afirmar que o nome de Deus era seu também. Ou seja, que ele era O Eu Sou, o próprio Deus de Abraão. A verdade é que foi exatamente isto que ele afirmou não apenas uma, mas sete vezes, conforme relata João.

Hoje em dia muitas pessoas dizem crer no nome de Jesus, mas não acreditam realmente que ele é



Deus. Acreditam que pode ter existido, pode ter sido um grande profeta, um homem bom ou mesmo um louco, mas não Deus. No entanto, a pregação dele era exatamente esta: Eu Sou! Jesus não apenas afirmou ser Deus: Ele é Deus! Vemos isto, por exemplo, no fato de ter atuado na criação (Colossenses 1.16), de ser eterno e imutável (Hebreus 13.8) e de ter poder para perdoar pecados (Mc 2.7, 9-12). O apóstolo João afirma que “Ele estava com Deus e era Deus” (Jo 1.1b). Aliás, este apóstolo viveu diariamente com Jesus por três anos e o viu morrer, ressuscitar e ser levado ao céu. Isto só foi possível porque Deus veio ao mundo viver conosco.

Emanuel

Voltemos à questão da Antiga Aliança. Como dito anteriormente, Deus criou a humanidade, mas esta foi afastada da presença de Deus por causa do pecado. O pecado trouxe como castigo a morte e a condição de separação eterna de Deus, também chamada de morte eterna. Ele ainda tornou o homem escravo de si, ou seja, o ser humano não pode fazer somente o que é certo por ser naturalmente pecador – faz parte de sua condição atual.

Deus, que é rico em amor e misericórdia, providenciou uma forma de restauração da humanidade, mas para isto era necessário que as pessoas compreendessem como aquilo seria possível. Ele separou um povo para si: os descendentes de Isaque, filho de Abraão, e fez uma aliança com eles. O acordo dizia que os israelitas obedeceriam todas as leis de Deus e Ele os abençoaria sendo o seu Deus. No entanto, por causa do poder atuante do pecado, ninguém conseguiu obedecer completamente àquelas leis.



Deus fez isso para mostrar que por meio da obediência ninguém poderia ser salvo da condenação eterna. Era necessário que um justo morresse pelos injustos para que estes pudessem, pela fé nele, receber o perdão de seus pecados e serem considerados como se fossem justos (justificados) – esta era uma Nova Aliança, agora pela fé e não por ações humanas. Mas como seria possível um justo tomar sobre si as culpas dos injustos se não há nem um justo sequer? (Salmo 14.1-3). Para responder a esta pergunta, vamos voltar ao momento que Paulo chama de “plenitude do tempo” (Gálatas 4.4).

Na Palestina, há pouco mais de dois mil anos, um homem chamado José se viu enfrentando uma situação muito complexa: sua noiva, Maria, engravidou. No entanto, ela era virgem. Por isso ele certamente pensou que esta não era mais a condição dela. Como era um homem correto e que gostava demais dela para que a deixasse sofrer o castigo de morte que as leis determinavam para o adultério – o que era o caso, pensava ele, afinal eles estavam comprometidos – José decidiu anular o casamento em segredo. Creio que com muitos pensamentos sobre isto e muita tristeza em seu coração, ele adormeceu. Durante a noite, porém, ele teve um sonho. Um anjo apareceu a ele e lhe disse que recebesse Maria como sua esposa, pois ela não o havia traído com ninguém. Pelo contrário, o Espírito Santo tinha gerado uma criança em seu ventre. Afirmou ainda que isso acontecera para se cumprir o que havia sido profetizado: uma virgem daria à luz um filho e este seria chamado de Emanuel, que significa “Deus conosco” (Mateus 1.18-24). O bebê era Jesus.

Neste ponto não estou querendo confundi-lo. Não estou falando que Jesus e Emanuel eram o mesmo nome em línguas diferentes nem tampouco que este era um nome do meio, por exemplo. Lembre-se que nome não necessariamente significava a identificação da pessoa, mas poderia significar seu caráter e essência. Este era o caso. Jesus seria chamado Emanuel não porque seu nome era algo como “Jesus Emanuel Cristo”, por exemplo, e sim porque ele era Deus e habitaria com os homens.

Aliás, “Cristo” não era o sobrenome de Jesus, e sim um título. Este é o termo grego para a palavra hebraica “Messias”. Ambas significam “ungido”. Jesus é aquele que foi prometido nas páginas da Antiga Aliança e que viria a ser o Ungido do Senhor, isto é, alguém que seria ungido (consagrado) por Deus Pai para levar redenção ao seu povo.

Jesus era Deus e um com o Pai. Isto parece confuso e é mesmo. A questão da Trindade não pode ser compreendida por ninguém de forma plena, até porque se nós compreendêssemos a Deus em sua totalidade Ele não seria Deus e sim nós. O fato é que Deus é um só, mas coexiste em três pessoas distintas, a chamada Trindade: o Pai, o Filho (Jesus) e o Espírito Santo. Eu gosto de explicar isto a partir do exemplo de um ventilador que possui uma hélice com três pás (esta tentativa de explicação é bem limitada, mas contarei com a benevolência do leitor diante da complexidade do tema). Quando ele está funcionando vemos apenas um grande círculo. As pás estão ligadas entre si – não são ventiladores, mas um ventilador. Deus é um só em essência, mas também três Pessoas distintas. Às vezes vemos uma das pessoas atuando, às vezes vemos o todo, mas, ainda assim, continua sendo apenas um só Deus. Desta forma, é possível compreender e crer que o *Pai* enviou seu *Filho* Jesus que foi gerado no ventre daquela virgem pelo *Espírito Santo*.

Assim, Deus encarnou, ou seja, nasceu como um de nós, seres humanos de carne e osso. Isto foi importante pois qualquer pessoa que nascesse de forma natural seria também pecadora e, por conseguinte, não poderia tomar sobre si o castigo dos demais (uma vez que grande castigo já pairava sobre ela). Por isso o Espírito Santo gerou Jesus no ventre daquela moça: assim ele não teve como herança a natureza pecaminosa, ou seja, o poder do pecado sobre si. Ele era um homem diferente, totalmente justo e sem pecado. Aliás, ele era o homem perfeito. Este homem perfeito, justo e sem pecados seria o fator crucial para a Nova Aliança que Deus faria com as pessoas, para que estas fossem salvas da condição a que estavam fadadas: a eternidade em afastamento Dele.

Salvador

O nome Jesus, dado a ele conforme a ordem do anjo, significa "salvador": ele salvaria o povo de seus pecados (Mt 1.21). No entanto, assim como Emanuel este nome não era apenas como ele seria chamado pelas pessoas e sim quem realmente ele era. Que ele era Deus habitando entre nós, já compreendemos. Jesus quis participar de toda a vida humana como nós, e isso incluía até ser tentado. Ele não veio ao mundo já como adulto, mas nasceu, foi cuidado por seus pais de criação, aprendeu a falar, andar, etc. Ou seja, passou por todas as situações de um ser humano inclusive em relação às tentações, com a diferença de que nunca pecou! (Hb 4.15). Ele fez isso para se colocar completamente no lugar dos homens, tendo também morrido em seu lugar para que estes fossem salvos da condenação eterna.

Jesus não possuía a natureza de pecador e também não pecou em nenhum momento. É importante lembrar que o pecado trouxe como consequência o afastamento eterno de Deus mas também a morte física. Ou seja, nós morremos porque somos pecadores. Aqui reside um ponto bastante importante para entendermos como se deu esta morte substitutiva de Jesus. Pense comigo: se Jesus não pecou e a morte é consequência do pecado, por que ele morreu? Ele o fez tomando sobre si o nosso castigo (Isaías 53.5). Quando Jesus se *entregou* para ser crucificado ele não estava passando por algo natural a ele, mas a nós. Ao receber os castigos físicos, ser pendurado em uma cruz preso por grandes pregos cravados em suas mãos e morrer, ele estava levando sobre si a *nossa* punição. No momento em que estava na cruz Jesus recebeu sobre si toda a culpa e punição que as pessoas mereciam pelos seus pecados.

No entanto, se ele tivesse permanecido morto, como poderíamos ter acesso a Deus e viver com Ele pela eternidade? Graças a Deus não foi isto o que aconteceu! Jesus não permaneceu morto, pois a morte não tinha poder sobre ele. Ao terceiro dia após a sua crucificação ele ressuscitou vencendo definitivamente a morte e garantindo a possibilidade de que todos os que cressem em seu

nome também pudessem ser ressuscitados. Ele ressuscitou para que todo o que clamar pelo seu nome seja salvo da morte eterna (At 2.21). Ele o fez pelo seu próprio poder e assim temos a garantia de que também ressuscitará os seus (Jo 6.44). Todo aquele que crê nele não está mais sob condenação, mas todo o que não crê já está condenado, pelo fato de não crer no nome de Jesus (Jo 3.18).

Ninguém tirou a sua vida: ele a deu por livre e espontânea vontade, pois tinha autoridade para dá-la e retomá-la (Jo 10.18). Jesus, como um pastor que cuida de seu rebanho, entregou sua vida pelas suas ovelhas (Jo 10.11). Deixou tudo para ir atrás de suas ovelhas perdidas (Lc 15.4-6): não se apegou à sua condição gloriosa e divina, mas veio ao mundo para morrer e ressuscitar a fim de que os perdidos fossem achados (Filipenses 2.6-11). Por ser o bom pastor ele conhece cada uma de suas ovelhas pelo nome (Jo 10.3-4,14). Podemos ser completos desconhecidos por muitos e na história como um todo (pois ela não é sobre nós e sim sobre Jesus), mas o Deus que nos criou sabe exatamente quem somos!

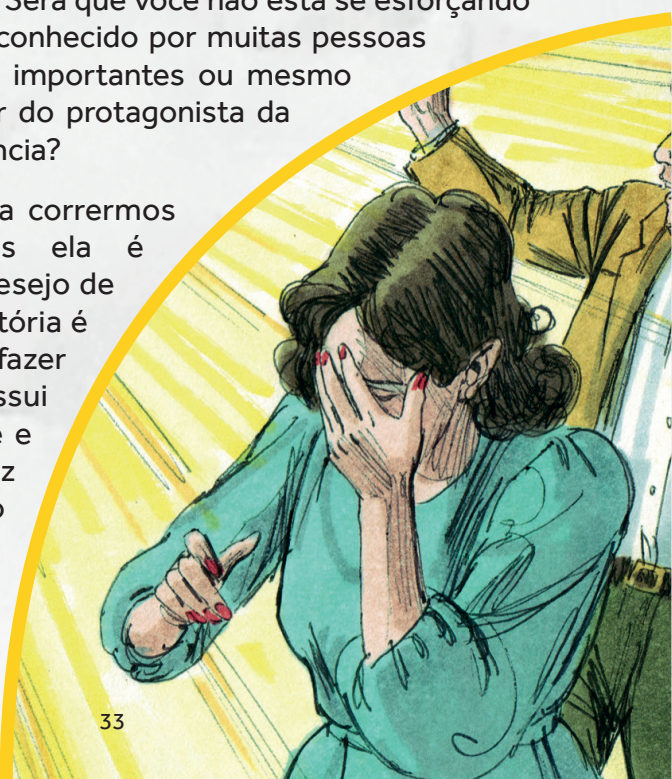
Meu nome

Diante de todas estas questões, eu volto ao que foi abordado na introdução: a busca por ser conhecido e ter o nome registrado na história. Vimos o quanto é inútil buscar avidamente estas coisas. Isto porque a história não é sobre nós e sim sobre Cristo e, por isso, não há nada de errado em ser anônimo. Pelo contrário, Deus ama e usa inúmeros anônimos e, Ele sim, conhece-os pelo nome.

O autor de Eclesiastes usa uma expressão para falar sobre as coisas inúteis que buscamos na vida que quero utilizar aqui: "correr atrás do vento" (Ec 1.14). Diante de tudo que vimos percebo que a maioria das pessoas corre atrás do vento ao tentar ser conhecida e ter seu nome marcado na história. Correr atrás do vento é inútil, pois você jamais o tomará em seus braços. Assim também é a vida como apontamos aqui: vai muito além disso.

No entanto, meu querido companheiro de anonimato, gostaria de me voltar para você. Pense sinceramente e responda a si mesmo e a Deus esta pergunta: Será que você não está se esforçando para fazer o seu nome conhecido por muitas pessoas que não são realmente importantes ou mesmo querendo tomar o lugar do protagonista da história de toda a existência?

Lembre-se: não adianta correremos atrás de fama, pois ela é passageira. Mesmo o desejo de escrever o nome na história é algo que acaba por não fazer sentido, pois ela já possui um nome em destaque e ele é suficiente. Talvez você esteja buscando reconhecimento e destaque onde é indevido. Não faça como muitos que



passam a vida correndo atrás de algo que nunca terão de fato. Os nomes são esquecidos e os muitos feitos das pessoas não serão lembrados. Esta é a realidade da história, porque ela não é sobre muitos e sim sobre um nome apenas: Jesus, o nome sobre todo nome.

Desde o começo da história até o seu fim todos somos anônimos, pois todos somos coadjuvantes deste filme que é a vida e cujo protagonista e herói é Cristo. E não há problema algum nisto, afinal, como apontei nos dois primeiros capítulos, Deus ama e usa anônimos. Ele conhece verdadeiramente os seus, mesmo que estes sejam anônimos para todo o resto da humanidade. E é infinitamente melhor ser conhecido por Ele do que ter milhões de seguidores que não o conhecem realmente.

Por quem devo ser conhecido?

Deus criou todos os seres humanos. Ele sabe a história de todos, conhece seus pensamentos e os anseios do coração (Sl 90.8, 139.4, At 1.24a). Como já vimos anteriormente, Jesus é Deus. Ele é o mesmo ontem, hoje e sempre (Hb 13.8). Ou seja, ele sabe quem viveu, quem vive e quem ainda viverá em toda a história. Ele planejou e criou tudo, incluindo cada um de nós. Podemos afirmar categoricamente que, neste sentido, ele conhece completamente todas as pessoas – suas vidas, decisões, pensamentos, angústias, etc.

No entanto, em um momento de seu ministério terreno, Jesus estava ensinando as multidões e afirmou que nem todo mundo que o chamasse de Senhor seria salvo e que muitos afirmariam diante dele, quando ocorrer o julgamento final de todas as pessoas, que teriam feito inúmeras coisas grandiosas em seu nome, mas sua resposta seria: “nunca os conheci!” (Mt 7.21-23). Isso pode parecer um tanto confuso, não é mesmo? Afinal, como pode a Bíblia afirmar que Deus conhece todas as pessoas e Jesus, que é Deus, afirmar que nunca havia conhecido alguém? Além disso, como pode alguém realizar coisas em nome de Jesus, chamá-lo de Senhor e estar nesta condição? Embora estas questões

pareçam ser complicadas e até contraditórias, espero ajudá-lo a compreendê-las plenamente.

Sobre os que nunca foram conhecidos por Cristo, quero propor uma reflexão. Pense neste instante em uma pessoa que hoje é considerada famosa – um ator de cinema que esteja desfrutando seu sucesso, por exemplo. Você sabe que a fama dele será passageira – ele um dia será esquecido. No entanto, quero fazer você refletir sobre algo usando esse ator como exemplo. Pense por um momento na atitude das pessoas que o encontram. Normalmente elas ficam horas em filas extensas para comprar um ingresso de um evento em que ele se fará presente apenas para vê-lo. Muitas destas pessoas choram, desmaiam e apertam-se umas às outras para poderem tocá-lo. Algumas, com muito custo, conseguem um autógrafo.

Todo este esforço, porém, é dedicado a alguém passageiro e que sequer sabe algo sobre seus fãs. Obviamente ele sabe que possui fãs, mas não os conhece individualmente. Talvez, quando lhe for pedido um autógrafo, ele até pergunte o nome do fã, mas isto faria deste um conhecido? Creio que não! Ele saberia a forma de identificá-lo, mas não saberia mais nada sobre aquela pessoa – sua personalidade, qual a comida favorita ou quais as angústias que enfrenta. Aliás, provavelmente não faria questão alguma de conhecê-la desta forma.

No entanto, conhecer vai ainda além de saber sobre a pessoa. O fã que pede um autógrafo é um desconhecido para seu ídolo, mas a recíproca também é verdadeira. Ou seja, tanto o fã quanto o ídolo são completos desconhecidos um para o outro. Quem pediu o autógrafo até pode achar que conhece seu ídolo por saber muito sobre aquela pessoa, mas conhecer vai além disso: envolve relacionamento.

Aliás, quem é casado sabe bem que com a convivência vamos conhecendo o cônjuge a cada dia. Com o passar do tempo não são necessárias palavras em alguns momentos, pois somente o olhar transmite inúmeras palavras – isto é conhecer! Não à toa algumas

versões bíblicas tratam o relacionamento sexual como um ato de conhecer um ao outro. Por exemplo, no caso do primeiro casal criado, uma versão diz que o marido conheceu sua mulher e ela concebeu um filho (Gn 4.1, versão Almeida Revista e Corrigida). Além disso, conhecer não é fazer coisas para alguém. Você pode ser um cozinheiro e saber exatamente qual o prato preferido de seu cliente, qual o tempero de que gosta e de qual não gosta, se tem alguma alergia alimentar, etc. Mas, se não houver relacionamento, não haverá conhecimento de fato. Ou seja, conhecer vai muito além de saber o nome de alguém ou de fazer algo por ele – é relacionar-se.

Desta forma, vemos o quanto é absurdo dedicar tanto esforço para ser conhecido por alguém que é humano como os demais e, por conseguinte, finito e passageiro – seja conhecer um “famoso” ou você mesmo. No entanto, ainda que ocorra, este conhecimento é superficial e não um real relacionamento. Agora, imagine que não somente um ator famoso de um filme, mas o protagonista de toda história que é também o autor da vida viesse até você para convidá-lo a passar a eternidade desfrutando de sua companhia, chamando-o pelo nome. Ou seja, ele não apenas sabe sobre sua vida como ninguém, mas deseja também ter um relacionamento com você!

Assim, podemos compreender porque Jesus dirá “nunca os conheci!” a pessoas que o chamaram de Senhor e afirmaram ter feito coisas em seu nome. Ele as conheceu no sentido de tê-las planejado e criado, sondado seus corações e anseios, mas elas nunca tiveram um relacionamento real com ele. Ou seja, nunca foram realmente conhecidos.



É interessante que elas afirmam ter feito coisas em seu nome, mas a acusação contra elas é que justamente não fizeram a vontade do Pai (Mt 7.21). Ou seja, a vontade de Deus não é que busquemos fazer coisas para conseguir uma aprovação dele (ninguém consegue ser salvo por fazer algo). A vontade Dele é que creiamos em Jesus e tenhamos um relacionamento com ele. Este relacionamento envolve obediência, como o de um pai e um filho (o que de fato é). Assim como este relacionamento familiar, ele é exatamente isto: um relacionamento. Há obediência por amor e não para obter os presentes do pai. Ela é consequência da nova vida com Deus e não um meio para consegui-la. Assim, quando estivermos no dia do julgamento final não serão nossos atos que definirão nosso destino eterno, mas se Deus nos conhece pelo nome.

Onde devo buscar ter meu nome escrito?

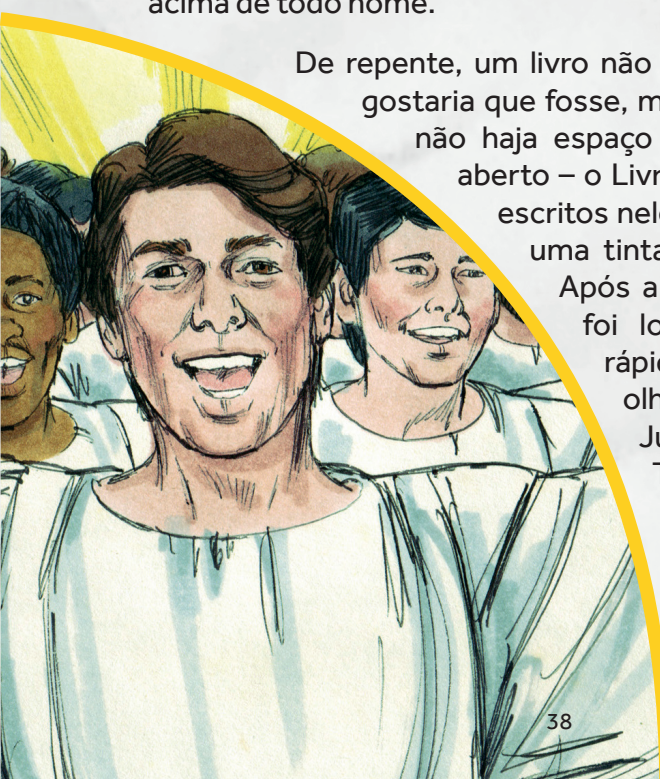
Falei anteriormente em julgamento final, mas talvez este assunto lhe seja um tanto obscuro. A Bíblia afirma que Jesus ressuscitou e após quarenta dias ele foi elevado ao céu. Quando isso ocorreu, seus discípulos ficaram observando o fato até que dois anjos lhes disseram que, assim como estava subindo à vista de todos, Jesus voltaria (At 1.10-11). Isto de fato ocorrerá! Um dia a história se encerrará e todas as pessoas estarão diante de Deus para serem julgadas. Este é o chamado julgamento final – o Dia do Senhor.

Em Mt 25.31-46 vemos um relato deste julgamento. Naquele dia, todos estarão diante de Deus para que suas vidas sejam passadas a limpo. Ap 20.11-15 nos dá mais algumas informações sobre este dia, como o fato de os mortos terem sido ressuscitados para esta ocasião e a abertura de vários livros. Todos, em pé, estarão diante de um grande e branco Trono.

Quero pedir que você imagine comigo a situação: você está diante do Senhor dos senhores, o Deus de toda a história. Está em pé, olhando para Ele sabendo que será julgado. Então inúmeros livros são abertos. Incontáveis páginas descrevendo tudo que já foi feito estão abertas. Várias pessoas estão suando frio, outras estão chorando e há aquelas que pareciam estar confiantes mas

empalideceram com as lembranças que vinham aos montes. Então, a sua história começa a ser passada a limpo: “quando criança desobedeceu aos pais quando estes pediram para lavar a louça na seguinte data”, “não devolveu o troco do supermercado no dia tal”, “olhou cobiçosamente para a namorada do amigo e a desejou em secreto”, “mandou o filho dizer que não estava quando recebeu uma ligação indesejada”, “agrediu verbalmente uma pessoa no trânsito”, etc. E a lista que você talvez considerasse ser tão pequena preenche um livro maior que qualquer coleção que você leu em vida. São os seus pecados e há alguns que você sequer se lembrava ou que nem havia percebido ter cometido. Alguém próximo a você na multidão de desconhecidos grita tentando argumentar: “Eu sou uma pessoa boa! Quem nunca cometeu um ou outro deslize, não é mesmo? Mas eu fiz coisas boas para compensar!” Há muita tristeza por todos os lados, pois muitos procuraram seguir um caminho fácil mas que levava para a condenação. Eles foram alertados, mas preferiram correr atrás de fama a acreditar que precisavam se render ao Nome que está acima de todo nome.

De repente, um livro não tão grande quanto você gostaria que fosse, mas não tão pequeno que não haja espaço para seu nome nele, é aberto – o Livro da vida. Vários nomes, escritos nele com algo semelhante a uma tinta vermelha, são citados. Após a leitura, que certamente foi longa, mas pareceu tão rápida quanto um piscar de olhos, o livro se fecha. O Justo Juiz, sentado no Trono, decreta a sentença dos que não foram encontrados no Livro da vida: culpados! Os que não foram citados começam a ser levados



para longe da presença do Rei. Eles choram, pois nunca haviam percebido que haviam sido criados para viverem com o Senhor e agora permanecerão eternamente afastados Dele. Ficarão solitários com sua imensa culpa em uma tristeza que lhes faz chorar amargamente e ranger os dentes por terem buscado este caminho terrível.

Ao mesmo tempo, os que tinham seus nomes escritos no Livro da vida também choram, mas de alegria. Eles se abraçam, embora muitos fossem desconhecidos uns dos outros. Uma multidão de pessoas cujos nomes foram escritos no Livro da vida, por causa da fé que tiveram no nome de Jesus. O motivo de sua alegria era a sentença para eles: perdoados! O Cristo que havia morrido e ressuscitado por amor a eles, agora os recebia para junto de si colocando suas mãos feridas sobre seus rostos e enxugando suas lágrimas, que cessavam imediatamente. Ele lhes dizia: "Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo" (Mt 25.34). Eles já haviam sentido alegria e paz indescritíveis enquanto viveram com Deus na terra antes daquele dia, mas viam o quanto ainda eram pequenas se comparadas à que sentiam agora. Nada que tivessem feito os teria levado até aquela sentença positiva, enquanto os que não desfrutavam dessa alegria colhiam os frutos de suas ações. Então chegamos a você, diante do trono branco, com Deus assentado para julgar. O Livro da vida é aberto e a leitura chega na letra inicial de seu nome. Ele será lido?

Muitas pessoas têm corrido atrás da fama aqui neste mundo passageiro. Tantos outros têm buscado marcar seus nomes na história. Mas quando esta chegar ao fim, não terá feito a menor diferença o que esta pessoa fez. O que fará diferença realmente é se o seu nome foi escrito no Livro da vida por meio da fé no que *Jesus* fez. Muitas pessoas não percebem o quanto são finitas e o quanto a história humana é curta diante da grandeza daquele que é Eterno (2 Pedro 3.8). Mas se você está lendo estas palavras é porque Deus ainda lhe deu a oportunidade de ter o seu nome registrado no Livro da vida para que, naquele dia, receba um novo nome.

Naquele Dia eu receberei um novo nome?

Na Bíblia muitas pessoas tiveram um novo nome dado ao longo de suas vidas. Simão, o pescador, tornou-se Pedro (Jo 1.42), alguém que seria uma pedra viva (1 Pe 2.4-8) ligada à Rocha Eterna (Is 26.4) que é Cristo. Abrão tinha a promessa de uma grande descendência e um filho chamado Ismael. Seu nome significava “pai exaltado”. Hoje ainda os descendentes de Ismael o exaltam. Mas Deus mudou seu nome para Abraão (Gn 17.5), pois ele foi pai de Isaque e, por conseguinte, de muitas nações (Abraão significa “pai de muitas nações”). Essas mudanças de nome aconteciam, por exemplo, quando alguém tinha uma grande mudança em sua vida ou almejava que isto acontecesse. Quando Deus mudava o nome de alguém ele estava mudando também sua vida e seu propósito, dando-lhe um novo começo e rumo.

Em Ap 2.17 Deus diz que dará “uma pedra branca com um novo nome nela inscrito, conhecido apenas por aquele que o recebe” aos que forem declarados vitoriosos ao fim de suas vidas. Esta figura da pedra branca remete aos jogos olímpicos da antiguidade. Os vencedores dos jogos ganhavam uma coroa de louros e uma pedra de mármore com seus nomes escritos para comprovarem a façanha e receberem presentes ou mesmo uma isenção de impostos ao voltarem para casa. A Bíblia diz em Rm 8.37 que os que vivem com Deus são mais que vencedores em Cristo Jesus. Ou seja, eles receberam a vitória definitiva e absoluta sobre a morte e o poder do pecado ao crerem em Cristo e esta será consumada quando estiverem diante do justo juiz. Todo aquele que crê em Jesus já venceu a morte, porque Ele a venceu (1 Co 15.55-57). Assim, quando chegarmos ao fim da grande maratona que é a nossa vida, receberemos a coroa da vida (Tiago 1.12, Ap 2.10c) e a pedra com nosso novo nome se cremos no nome de Cristo.

Mas por que um novo nome? Porque os cristãos irão para a sua nova morada habitar com Jesus (Jo 14.2-3). É um *novo começo*; uma *nova vida* (plena e eterna). Ao final da visão que João teve sobre o fim da história relatada em Apocalipse, Deus diz que tudo

será novo (Apocalipse 21.5). Novos céus, nova terra (Ap 21.1) e uma nova condição de vida, sem morte, tristeza, choro ou dor (Ap 21.4). Por isso os fiéis também receberão um novo nome, o qual só será conhecido no Dia do Senhor.

Assim sendo, diante do fato de que Deus dará um novo nome a todos os que tiverem seus nomes escritos no Livro da vida, os quais são conhecidos por Jesus, de nada vale correr atrás do vento enquanto se está vivo. Buscar ser alguém famoso ou reconhecido nas ruas, com seu nome encontrado nos livros de história, jamais fará com que alguém encontre perdão e vida verdadeira. Pelo contrário, pode ser um grande empecilho para isso. Deus entregou seu filho Jesus para que você o conheça verdadeiramente, tenha seu nome escrito no Livro da vida e receba um novo nome em uma nova condição de vida.

Encontrando paz no anonimato

Meu querido amigo e companheiro de anonimato, você talvez tenha corrido atrás de reconhecimento e fama ao longo de sua vida. Talvez até se considere cansado e sobrecarregado por conta disso. Muito provavelmente você agiu desta forma até hoje para obter este reconhecimento e aprovação de outras pessoas finitas e passageiras como você. É possível também que você tenha agido de tal forma a fim de preencher uma lacuna interna, um vazio de propósito e um grande sentimento de solidão.

Deus não deseja que você aja assim. Para ele, pouco importa se você é o número um na lista do vestibular, a vencedora do concurso de beleza de seu estado, a melhor cantora de sua igreja ou o craque de seu time de futebol. Não que estar em uma destas condições seja algo ruim por si só, mas quando ocorre tão somente para suprir esta aparente carência acaba apenas causando muita dor e sofrimento. Deus o conhece melhor que qualquer outra pessoa: sabe tudo o que passa em sua mente e em seu coração. Conhece seus medos, incertezas, aflições e também o porquê de correr tanto atrás de aprovação dos demais. Mas, como falei, o Senhor não está interessado em que você procure a aprovação de ninguém a não ser a dele.

Não há nada que você possa fazer a não ser crer e confiar no Senhor Jesus. Não importa se as pessoas não o reconhecerem pelo que você faz ou por ser quem é: *Deus* deseja relacionar-se com você! Ele demonstrou seu amor a inúmeras pessoas ao longo das eras. Derramou seu amor e sua misericórdia sobre aquelas mães aflitas do período da Antiga Aliança, usou profetas para falar com reis e deu força e coragem a guerreiros valentes, lutando as suas batalhas. Ele veio ao mundo na pessoa de Cristo, curou doentes, deu nova visão a cegos e libertou pessoas oprimidas por demônios, para fazer uma Nova Aliança com os homens. Ele se entregou para morrer a nossa morte e ressuscitou para que fôssemos perdoados pelo Senhor. Não pela obediência, mas pela fé no nome de Jesus, o nome sobre todo nome. Assim, podemos

ter um relacionamento com Ele, sendo conhecidos por Ele, com nossos nomes escritos no Livro da vida e recebendo um novo nome para uma nova e eterna vida com Ele.

É possível que você tenha percebido essa realidade em sua vida ao perpassar pelas páginas deste livro. Se é o caso, quero lhe convidar a tomar uma decisão. É hora de reconhecer o seu propósito e o seu lugar na história. Convido você a falar com Deus admitindo que está em falta com Ele ao buscar suprir suas carências espirituais, psicológicas e afetivas em si próprio e no desejo pelo reconhecimento de outras pessoas. Peça perdão a Ele, entregue a sua vida nas mãos de Deus e busque viver de acordo com a vontade dEle. Se você crer verdadeiramente em Jesus seu nome certamente será encontrado no Livro da Vida. Você nunca mais estará sozinho, pois Jesus estará com você todos os dias até o fim dos tempos (Mt 28.20). Você também terá uma multidão a quem poderá chamar de irmãos e que estarão ao seu lado vivendo com Deus agora e na eternidade. Procure desfrutar desta realidade já agora buscando uma igreja em que possa ser usado por Deus para ajudar outras pessoas que se sentem como você se sentiu até hoje a encontrarem o sentido para suas vidas.

Querido amigo, lembre-se: não há problema em ser apenas mais um desconhecido neste mundo tão grande. Deus ama os que para muitos são anônimos, mas que Ele conhece pelo nome. Deixe-me lembrar ainda de apenas mais um personagem bíblico: Samuel. Antes de realizar qualquer ato que viria a ser contado, enquanto criança, ele ouviu o Senhor o chamando pelo nome. Após receber a instrução do sacerdote Eli, Samuel responde: "Fala, pois o teu servo está ouvindo" (1 Sm 3.10b). Hoje mesmo Deus o está chamando pelo nome. Ele o conhece.

Muitos anônimos como você já viveram e vivem por aqui, inclusive este que lhe dirige as palavras agora. Já busquei incansavelmente e de várias maneiras ser reconhecido. Cheguei ao ponto de desistir da minha própria vida. Mas Deus me chamou pelo nome e mostrou que me amava e que tinha um propósito para mim. Ele me livrou da morte. Deus me deu sentido à vida, perdoou todas as minhas

faltas e me deu descanso, paz, alegria real e uma esperança viva por meio de Jesus. Ele quer isso para você também. Portanto, busque relacionar-se com Ele e atenda ao seu chamado. Espero que Ele tenha feito isto por meio destas breves páginas escritas por um amado anônimo como você.

Obras consultadas

BÍBLIA de Estudo NVI. São Paulo: Vida, 2003.

BÍBLIA Shedd. 2. ed. São Paulo: Vida Nova; Barueri: SBB, 1997.

BÍBLIA de Estudo NTLH. Barueri: SBB, 2005.

CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2001.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 1995.

DIVERSOS autores. *Comentário Esperança*. Curitiba: EEE.

SAYÃO, Luiz. *Comentário rota 66*. São Paulo: RTM, [200-?].

SEVERA, Zacarias de Aguiar. *Manual de teologia sistemática*. 2. ed. Curitiba: A. D. Santos, 2003.

WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo: Antigo Testamento*. Trad. Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2010.

WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo: Novo Testamento*. Trad. Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2010.

Sobre o autor

Cléber Mateus de Moraes Ribas é casado com Vanessa Tiede Weiler Ribas, pastor batista e escritor do Presente Diário. É Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, Pós-Graduado em Design Instrucional pelo SENAC-SP e Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. É designer instrucional da Faculdade Batista Pioneira. E-mail: cleber@batistapioneira.edu.br

Todas as ilustrações presentes nesta obra foram produzidas pela Sweet Publishing (todos os direitos reservados). Acesse: <http://sweetpublishing.com/>

A RTM TEM UM UNIVERSO DE CONTEÚDO DE QUALIDADE PARA TE OFERECER!

APONTE O
CELULAR PARA
O QR CODE
E CONFIRA



RTMBRASIL.ORG.BR

OUÇA NOSSOS PODCASTS



rtm
rádio trans mundial

